

# África e Oriente Médio

## Perspectivas para 2013

*Análise Apex-Brasil*  
**CONJUNTURA & ESTRATÉGIA**

Janeiro - 2013

**ApexBrasil**

AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO  
DE EXPORTAÇÕES E INVESTIMENTOS



## Resumo Executivo

- ➔ As economias do Oriente Médio, Norte da África e África Subsaariana vêm apresentando um desempenho bastante favorável desde o começo do século XXI. Mesmo que a crise financeira global tenha gerado impactos negativos sobre tais regiões, os níveis médios observados de crescimento da renda, bem como os fundamentos macroeconômicos em geral, seguem em trajetória positiva.
- ➔ No Oriente Médio e Norte da África (OMNA), há uma clara divergência de desempenho entre as economias exportadoras e importadoras de petróleo. Em 2012, estima-se que o primeiro grupo cresceu acima de 5%, ao passo que o segundo apresentou uma expansão mais modesta, pouco acima de 1%. Para 2013, projeta-se uma acomodação do crescimento nos países exportadores de petróleo e uma aceleração nos importadores.
- ➔ A África Subsaariana vem crescendo 5% ao ano no período pós-2008. Aqui, os países exportadores de petróleo também se destacam, com um crescimento médio esperado entre 5% e 7,5% ao ano em 2012 e 2013. Nesse mesmo período, as economias de renda média crescerão entre 3,5% e 4%, e as economias de renda baixa manterão um ritmo de expansão da ordem de 6% ao ano.

## **Introdução**

Este Boletim aborda o desempenho recente e as perspectivas das economias da África e Oriente Médio. Sempre que possível e com base nas projeções correntes, busca-se, também, sinalizar para o comportamento esperado de médio prazo das principais economias daquelas regiões.

A análise da Unidade de Inteligência Comercial e Competitiva da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) baseia-se nos estudos das principais instituições de pesquisa econômica, especialistas no acompanhamento da economia internacional, especialmente o Fundo Monetário Internacional (IMF, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d, 2012e), a Economist Intelligence Unit (EIU, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d, 2012e, 2012f, 2012g, 2012h), o Banco de Compensações Internacionais (BIS, 2012), o Banco Mundial (World Bank, 2012) e a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad, 2011 e 2012).

Foram utilizadas as informações estatísticas disponíveis até 26 de novembro de 2012. Como em todos os exercícios de elaboração de cenários, o presente estudo assume a manutenção de certas condições das economias em análise, cujas alterações, marginais ou substantivas, impõem a necessidade de ajustes das perspectivas aqui sugeridas.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: parte-se de uma visão geral sobre os desdobramentos na região do ambiente de crescente instabilidade provocado pela crise financeira global. Verifica-se o desempenho no imediato pós-crise e nos anos subsequentes. Na sequência, é abordado o comportamento recente das economias e as perspectivas para 2013, tanto em um plano geral (Seção 3) quanto no destaque de suas principais economias (Seção 4).

## 2. Antes e Depois da Crise: do *boom* à moderação em ritmos distintos

### 2.1 As Economias do Oriente Médio e Norte da África

Seguindo a classificação sugerida pelo Fundo Monetário Internacional (FMI)<sup>1</sup>, é possível agregar as economias do Oriente Médio e Norte da África (OMNA) em um conjunto que compreende 20 países e que responde por 4,9% da renda mundial, 6,6% das exportações globais de bens e serviços e 5,7% da população mundial.

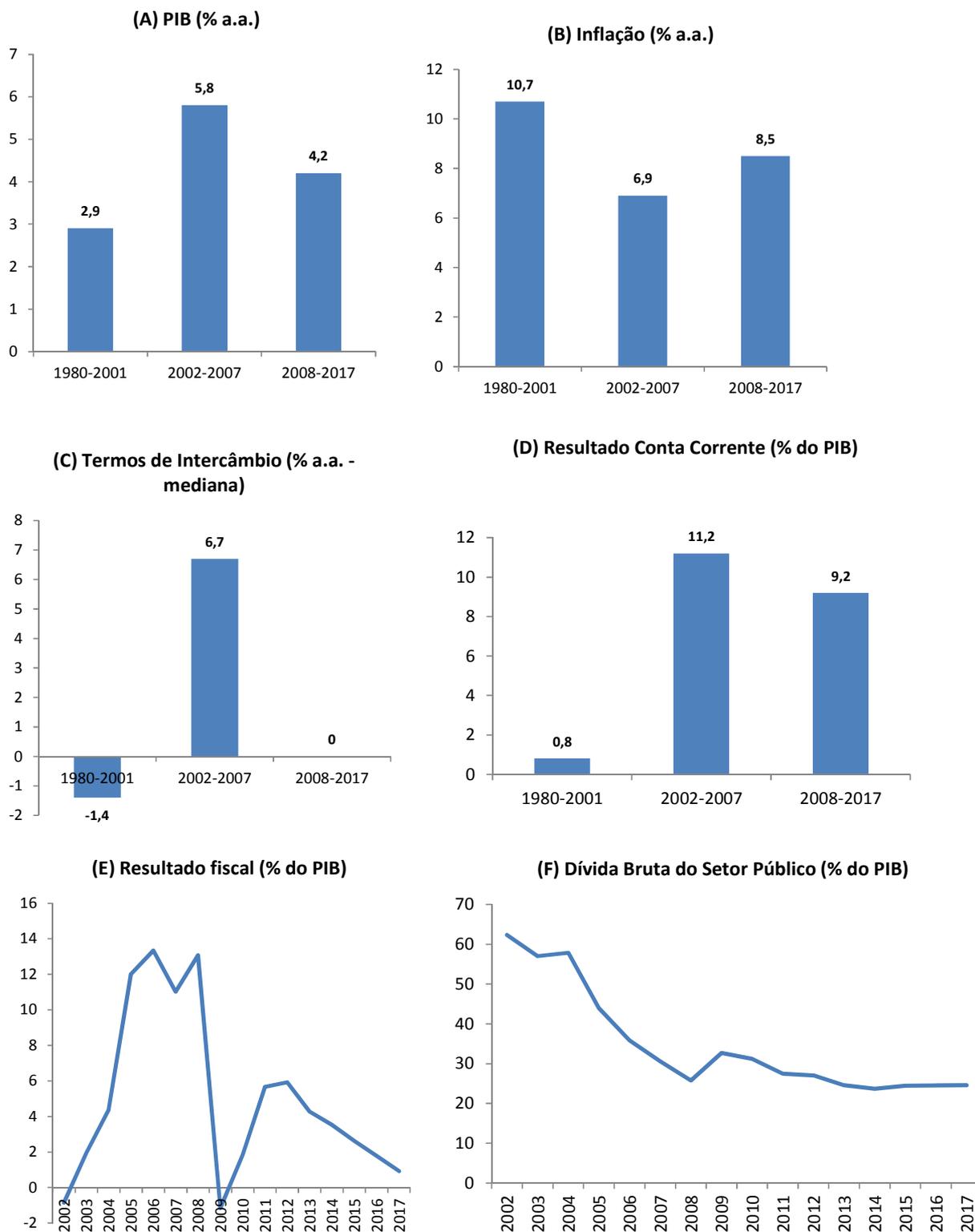
A despeito da crise financeira global (CFG), o desempenho econômico desde 2002 e as perspectivas para o período 2013-2017 sinalizam para a cristalização de um cenário de melhoria substantiva dos fundamentos macroeconômicos, quando são comparados os resultados obtidos nos períodos 1980-2001, 2002-2007 e 2008-2017 (Gráfico 1). Em grande medida, isso se deve ao comportamento favorável dos setores econômicos produtores e exportadores de recursos naturais. O *boom* nos preços das *commodities* entre 2002 e 2008 e, mesmo com a CFG, a manutenção de preços ainda elevados em diversas categorias de bens primários – agrícolas e minerais – e energéticos, especialmente o petróleo, contribui para explicar a aceleração no crescimento da renda e a manutenção de um horizonte favorável para os próximos anos.

Os termos de intercâmbio evoluíram de forma extremamente positiva entre 2002 e 2007, o que se traduziu na melhoria dos superávits em conta corrente e nas finanças públicas, quer seja nos resultados consolidados do setor público – fortemente positivos, com exceção do período da crise e de seus impactos imediatos (2008-2009) – quer na trajetória da relação dívida/PIB. Esse indicador passou de pouco mais de 60%, no começo dos anos 2000, para níveis abaixo de 30% em 2011 e projeções dos anos subsequentes. Por fim, como ainda pode ser observado no Gráfico 1, a inflação, mesmo estando acima da média internacional, mantém-se em níveis toleráveis.

---

<sup>1</sup> Ver: IMF (2012a, Apêndice Estatístico).

**Gráfico 1 – Indicadores Seleccionados das Economias do Oriente Médio e do Norte da África, 1980-2017\* (%)**



Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a). (\*) Projeções da fonte para o período 2012-2017.

Cabe observar que há uma clara divergência de desempenho entre as economias exportadoras e importadoras de petróleo (Tabela 1). Essa característica, que é estrutural na região, faz com que, no período recente, as economias exportadoras apresentem ritmos de expansão significativamente superiores, com impactos positivos sobre o conjunto das variáveis macroeconômicas. Em 2012, o primeiro grupo terá um crescimento do PIB acima de 5%, ao passo que o segundo experimentará uma expansão mais modesta, pouco acima de 1%. Para 2013, projeta-se uma acomodação do crescimento nos países exportadores de petróleo e uma aceleração nos importadores.

**Tabela 1 – Indicadores Macroeconômicos de Economias Selecionadas do Oriente Médio e do Norte da África, 2011-2013**

	PIB (% a.a.)			Inflação (% a.a.)			Conta Corrente (% do PIB)			Taxa de Desemprego (%)		
	2011	2012	2013	2011	2012	2013	2011	2012	2013	2011	2012	2013
<b>Oriente Médio e Norte da África</b>	<b>3,3</b>	<b>5,3</b>	<b>3,6</b>	<b>9,7</b>	<b>10,4</b>	<b>9,1</b>	<b>14,2</b>	<b>12,2</b>	<b>10,6</b>	<b>n.d.</b>	<b>n.d.</b>	<b>n.d.</b>
<b>1. Exportadores de Petróleo*</b>	3,9	6,6	3,8	10,1	11,1	9,4	18,7	16,4	14,2	n.d.	n.d.	n.d.
Irã	2,0	-0,9	0,8	21,5	25,2	21,8	12,5	3,4	1,3	12,3	14,1	15,6
Arábia Saudita	7,1	6,0	4,2	5,0	4,9	4,6	26,5	26,1	22,7	n.d.	n.d.	n.d.
Argélia	2,4	2,6	3,4	4,5	8,4	5,0	10,0	6,2	6,1	10,0	9,7	9,3
Emirados Árabes Unidos	5,2	4,0	2,6	0,9	0,7	1,6	9,7	9,3	10,1	n.d.	n.d.	n.d.
Catar	14,1	6,3	4,9	1,9	2,0	3,0	30,2	29,6	26,8	n.d.	n.d.	n.d.
Kuwait	8,2	6,3	1,9	4,7	4,3	4,1	44,0	44,1	39,2	2,1	2,1	2,1
Iraque	8,9	10,2	14,7	5,6	6,0	5,5	8,3	0,3	6,1	n.d.	n.d.	n.d.
<b>2. Importadores de Petróleo**</b>	<b>1,4</b>	<b>1,2</b>	<b>3,3</b>	<b>8,5</b>	<b>8,3</b>	<b>8,3</b>	<b>-5,2</b>	<b>-6,9</b>	<b>-5,8</b>	<b>n.d.</b>	<b>n.d.</b>	<b>n.d.</b>
Egito	1,8	2,0	3,0	11,1	8,6	10,7	-2,6	-3,4	-3,3	12,1	12,7	13,5
Marrocos	4,9	2,9	5,5	0,9	2,2	2,5	-8,0	-7,9	-5,4	8,9	8,8	8,7
Tunísia	-1,8	2,7	3,3	3,5	5,0	4,0	-7,3	-7,9	-7,7	18,9	17,0	16,0
Sudão	-4,5	-11,2	0,0	18,3	28,6	17,0	-0,5	-7,8	-6,6	12,0	10,8	9,6
Líbano	1,5	2,0	2,5	5,0	6,5	5,7	-14,0	-16,2	-15,6	n.d.	n.d.	n.d.
Jordânia	2,6	3,0	3,5	4,4	4,5	3,9	-12,0	-14,1	-9,9	12,9	12,9	12,9
<b>3. Israel</b>	<b>4,6</b>	<b>2,9</b>	<b>3,2</b>	<b>3,4</b>	<b>1,7</b>	<b>2,1</b>	<b>0,8</b>	<b>-2,1</b>	<b>-1,3</b>	<b>7,1</b>	<b>7,0</b>	<b>7,0</b>

Fonte: IMF (2012a). Projeções para 2012 e 2013 são da fonte.

(\*) Inclui, também, Omã, Iêmen, Líbia e Bahrein; (\*) Inclui, também, Djibuti, Mauritânia e Síria (até 2011).

Conforme detalhado nas análises do FMI (IMF, 2011a, 2011d), do Banco Mundial (World Bank, 2012) e da Unctad (2011 e 2012), países com elevadas receitas derivadas da produção e exportação de petróleo têm logrado sustentar níveis mais altos de expansão dos gastos públicos, o que se traduz em taxas médias de expansão da renda também mais significativas. Por outro lado, os conflitos políticos internos no âmbito da assim chamada “primavera árabe”,

o menor crescimento de importantes de parceiros comerciais, especialmente as economias europeias, a queda nas rendas derivadas do turismo e das remessas de emigrantes, dentre outros fatores, têm atuado no sentido de moderar a expansão de algumas economias. Por esses mesmos motivos, os riscos de uma reversão negativa das projeções aqui assinaladas não podem ser descartados em um quadro de deterioração do comércio mundial e de maior instabilidade financeira.

## **2.2 A África Subsaariana**

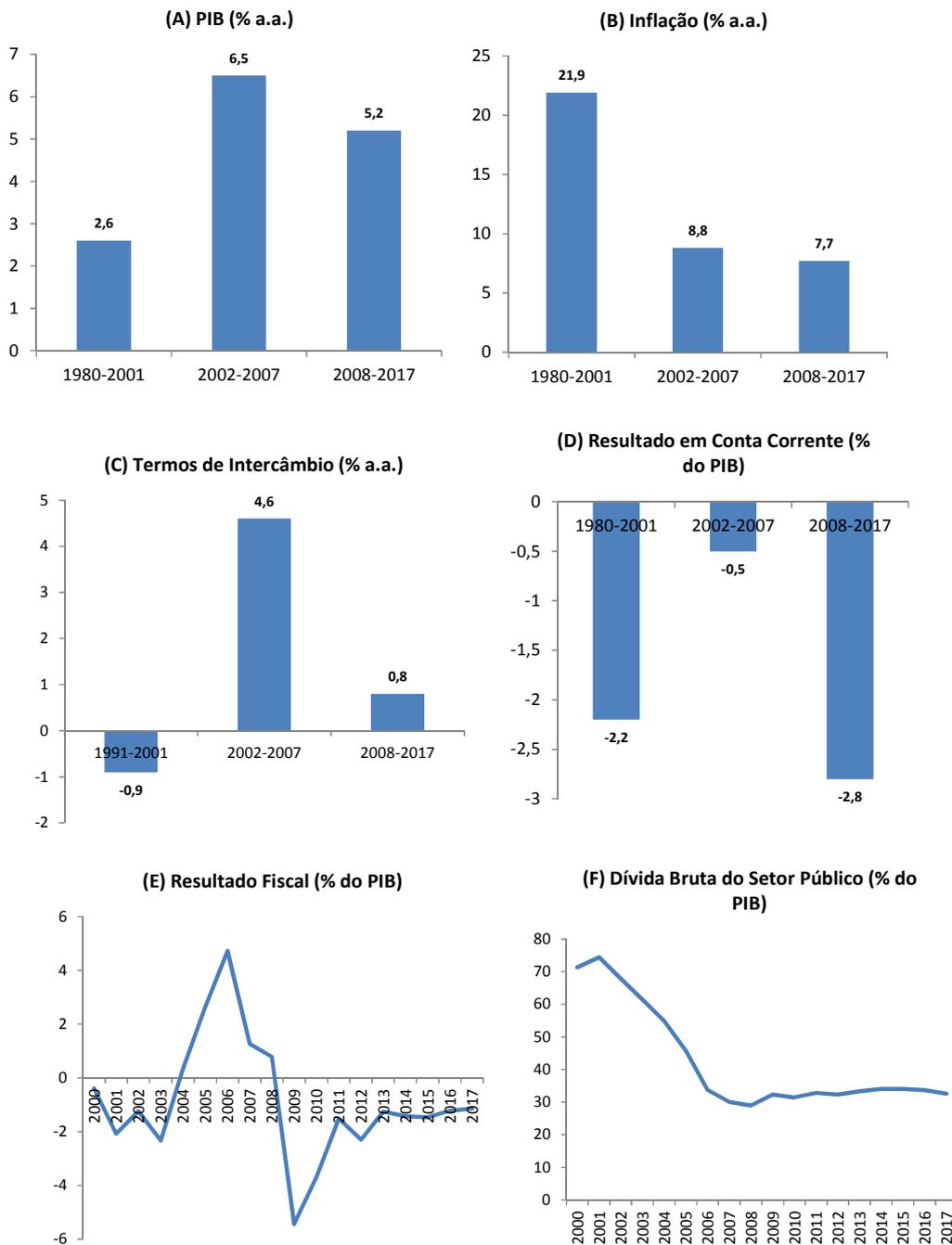
A África Subsaariana reúne 45 países, cuja participação nos agregados globais em 2011 era de: (i) 12,1% da população; (ii) 2,5% do produto; e (iii) 2,1% das exportações de bens e serviços (IMF, 2012a, Apêndice Estatístico). Essa região reúne elevada quantidade de economias pobres e altamente endividadas, de acordo com os critérios adotados pelo FMI (IMF, 2012a).

Assim como em outras regiões periféricas ricas em recursos naturais, a África Subsaariana, em seu conjunto, experimentou um desempenho econômico excepcionalmente favorável na primeira década do século XXI, especialmente entre 2002 e 2007 (Gráfico 2). Houve significativa aceleração no ritmo de crescimento econômico, alimentado pela melhoria no comércio internacional. Os termos de intercâmbio foram favoráveis, os resultados em conta corrente e das contas públicas melhoraram substancialmente, assim como os níveis de endividamento do setor público. Mesmo acima dos níveis médios internacionais, a inflação recuou frente à média das décadas anteriores.

Ainda que a crise financeira global tenha afetado a região negativamente, o desempenho corrente e prospectivo ainda se revela positivo. Todavia, há uma importante diversidade em termos de desempenho, que se explica, dentre outras razões, pelas características estruturais das economias e, principalmente, seu perfil de inserção internacional. Economias exportadoras de petróleo têm tido níveis mais elevados de crescimento (Tabela 2).

Em média, a região vem crescendo 5% ao ano no período pós-2008. Assume-se, com base nas projeções correntes, que esse patamar poderá ser sustentado no futuro próximo. Conforme será detalhado na Seção 4, a África do Sul, que é a maior economia da região (Gráfico A3), não tem logrado acompanhar tal ritmo positivo. Sua economia é fortemente ligada à Europa, bem como aos vizinhos cujas dinâmicas econômicas domésticas têm sido negativamente afetadas por problemas climáticos e/ou conflitos políticos internos. Baixo crescimento e elevado desemprego são características marcantes da economia sul-africana.

**Gráfico 2 – Indicadores Seleccionados das Economias da África Subsaariana, 1980-2017\* (%)**



Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a). (\*) Projeções da fonte para o período 2012-2017.

A região é bastante sensível à evolução dos preços internacionais de alimentos, minérios e energia. Países importadores líquidos de energia e de alimentos sofrem fortes pressões inflacionárias em períodos de expansão daqueles preços, conforme observado, de forma

recorrente, nos últimos anos (IMF, 2012a, 2012e; Unctad, 2011 e 2012). Por outro lado, economias exportadoras, especialmente de petróleo, apresentam elevada volatilidade em função das flutuações nos preços dessa *commodity*. Períodos de alta nos preços da energia garantem a aceleração do crescimento doméstico, ao passo que este desaba quando mercado de petróleo mostra-se desfavorável.

**Tabela 2 – Indicadores Macroeconômicos de Economias da África Subsaariana, 2011-2013**

	PIB (% a.a.)			Inflação (% a.a.)			Conta Corrente (% do PIB)		
	2011	2012	2013	2011	2012	2013	2011	2012	2013
<b>África Subsaariana</b>	<b>5,1</b>	<b>5,0</b>	<b>5,7</b>	<b>9,7</b>	<b>9,1</b>	<b>7,1</b>	<b>-1,7</b>	<b>-3,2</b>	<b>-3,3</b>
<b>1. Países Exportadores de Petróleo</b>	<b>6,2</b>	<b>6,0</b>	<b>7,5</b>	<b>11,2</b>	<b>10,8</b>	<b>8,9</b>	<b>5,5</b>	<b>3,8</b>	<b>3,4</b>
Nigéria	7,4	7,1	6,7	10,8	11,4	9,5	3,6	3,5	3,1
Angola	3,9	6,8	5,5	13,5	10,8	8,6	9,6	8,5	6,6
Guiné Equatorial	7,8	5,7	6,1	6,3	5,4	7,0	-6,0	-7,7	-7,7
Gabão	6,6	6,1	2,0	1,3	2,3	2,6	10,6	9,1	4,1
República do Congo	3,4	4,9	5,3	1,8	5,1	4,5	0,8	-0,6	-0,4
<b>2. Países de Renda Média</b>	<b>4,1</b>	<b>3,7</b>	<b>4,0</b>	<b>5,4</b>	<b>5,7</b>	<b>5,5</b>	<b>-3,4</b>	<b>-5,3</b>	<b>-5,3</b>
África do Sul	3,1	2,6	3,0	5,0	5,6	5,2	-3,3	-5,5	-5,8
Gana	14,4	8,2	7,8	8,7	9,8	10,9	-9,2	-9,1	-7,0
Camarões	4,2	4,7	5,0	2,9	3,0	3,0	-4,1	-4,1	-3,8
Costa do Marfim	-4,7	8,1	7,0	4,9	2,0	2,5	6,7	-3,1	-1,6
Botsuana	5,1	3,8	4,1	8,5	7,5	6,2	1,6	3,9	3,4
Senegal	2,6	3,7	4,3	3,4	2,3	2,1	-6,4	-8,5	-6,9
<b>3. Países de Renda Baixa</b>	<b>5,6</b>	<b>5,9</b>	<b>6,1</b>	<b>15,1</b>	<b>12,5</b>	<b>7,6</b>	<b>-10,9</b>	<b>-11,1</b>	<b>-11,2</b>
Etiópia	7,5	7,0	6,5	33,1	22,9	10,2	0,6	-6,1	-7,7
Quênia	4,4	5,1	5,6	14,0	10,0	5,8	-10,6	-8,5	-8,6
Tanzânia	6,4	6,5	6,8	12,7	15,6	9,8	-13,7	-15,4	-13,4
Uganda	5,1	4,2	5,7	18,7	14,6	6,1	-11,4	-11,0	-11,7
República Dem. do Congo	6,9	7,1	8,2	15,5	10,4	9,5	-11,5	-12,5	-14,3
Moçambique	7,3	7,5	8,4	10,4	3,0	8,6	-12,8	-11,6	-12,4

Fonte: IMF (2012a). Projeções para 2012 e 2013 são da fonte.

(\*) Inclui, também, Omã, Iêmen, Líbia e Bahrein; (\*) Inclui, também, Djibuti, Mauritània e Síria (até 2011).

Portanto, assumindo-se um quadro externo neutro, em que (i) a situação europeia não se deteriore; (ii) os Estados Unidos mantenham uma trajetória de recuperação, ainda que modesta; e (iii) outras economias emergentes, como a China, sigam crescendo acima da média mundial; as projeções correntes sinalizam para um quadro de manutenção de um desempenho positivo na região. As economias exportadoras de petróleo seguirão crescendo entre 5% e 7,5% ao ano, puxadas pelo bom desempenho de Angola e Nigéria. As economias de renda média

crescerão entre 3,5% e 4% em 2012 e 2013, e as economias de renda baixa manterão um ritmo de expansão da ordem de 6% ao ano nesse mesmo período (Tabela 1).

A reversão do cenário neutro no âmbito da economia global é um risco que não pode ser desconsiderado. Economias grandes como a África do Sul são fortemente expostas, tanto pelos canais de comércio quanto pelos canais financeiros, aos desdobramentos da crise financeira europeia. Por sua vez, os países exportadores de recursos naturais dependem, cada vez mais, da demanda asiática, de modo que a evolução da economia chinesa torna-se extremamente relevante. Uma desaceleração mais intensa no crescimento da China pode precipitar uma rápida deterioração nas perspectivas econômicas da região.

### **3. Economias em Destaques no Oriente Médio e Norte da África**

Esta seção destaca o desempenho das cinco maiores economias do Oriente Médio – a saber: Irã, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Israel, Kuwait (Gráfico A1) – e da segunda maior economia africana, que é, também, a maior do Norte da África, o Egito (Gráfico A3).

O Irã é a maior economia do Oriente Médio, com um PIB de quase um trilhão de dólares, medido em paridade poder de compra. Sua economia tem sofrido os impactos negativos das sanções econômicas impostas pelos Estados Unidos. O governo se vê forçado a reduzir a produção de petróleo. Nesse contexto, tanto o FMI (IMF, 2012a) quanto a EIU (2012a), projetam uma contração da renda em 2012, da ordem de 1% do PIB, e a manutenção de um quadro de estagnação ou crescimento muito baixo nos anos subsequentes (Gráfico 3). Por conta disso, a taxa de desemprego iraniana é a maior dentre as economias aqui destacadas (Gráfico 4). A inflação segue elevada e acima das metas oficiais (Gráfico 5), em função das sanções e da eliminação de vários subsídios. Ainda assim, os resultados em conta corrente seguem positivos (Gráfico 6) e a dívida pública é moderada, apresentando tendência de alta (Gráfico 7).

A Arábia Saudita deverá crescer cerca de 6% em 2012, como decorrência: (i) da expansão na produção de petróleo; (ii) dos estímulos fiscais; e (iii) dos investimentos em

infraestrutura – especialmente habitação – e na indústria de transformação (EIU, 2012b; IMF, 2012a). A moderação no ritmo de expansão da produção de petróleo e o término do pacote de estímulos anunciados em 2011 deverão fazer com que o crescimento diminua depois de 2013, estabilizando-se em um patamar médio próximo a 4% ao ano (Gráfico 3). A inflação tem sido contida pelos subsídios, especialmente em alimentos e energia, ao passo que a taxa de desemprego cresceu de forma significativa no período pós-2008. Os resultados em conta corrente são mais moderados, e a dívida pública está sob controle (Gráficos 4 a 7).

Os Emirados Árabes Unidos (EAU) estão experimentando uma moderação em seu ritmo de crescimento econômico nos anos de 2012 e 2013 em função da perda de dinamismo e pela instabilidade financeira em seus principais parceiros econômicos na zona do Euro e Ásia (EIU, 2012c; IMF, 2012a). A inflação está em alta, ainda que em níveis baixos, puxada pelo aumento nos preços de *commodities* não energéticas. A dívida pública está em trajetória de queda e os resultados em conta corrente apresentam uma acomodação em um contexto de menor crescimento da economia mundial (gráficos 3 a 7; Tabela 1).

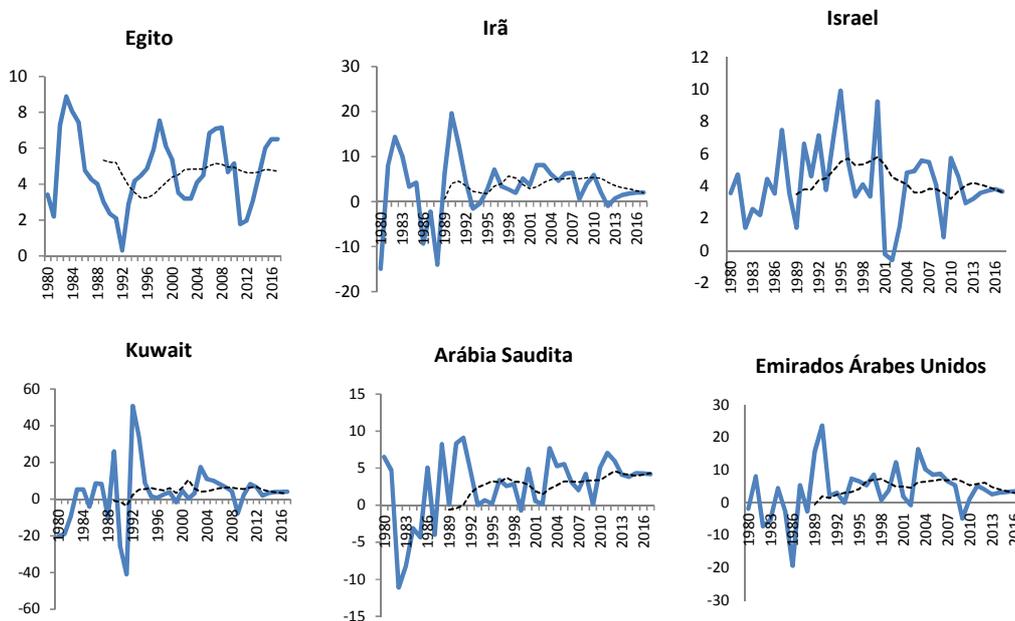
Israel deverá crescer cerca de 3% em 2012 e 2013, mantendo níveis próximos a este valor para o período 2014-2017 (Gráfico 3). Em decorrência, a inflação tende a se manter também sob controle, com os preços ao consumidor oscilando ao redor de 2% ao ano (Gráfico 5). A taxa de desemprego apresenta trajetória consistente de queda (Gráfico 4), as contas externas e níveis de endividamento estão em patamares sustentáveis (gráficos 6 e 7).

O Kuwait também está entrando em trajetória de menor crescimento. A produção de petróleo, que experimentou sensível expansão em 2010 e 2011, tem sido afetada, negativamente, por uma demanda externa menos intensa e pelas restrições na capacidade doméstica de extração. Para 2012, espera-se um crescimento do PIB entre 5% e 6%. Para o horizonte 2013-2017, há divergência nas projeções, com o FMI (IMF, 2012a) estimando queda mais intensa, para algo em torno de 2% ao ano, e a EIU (2012e) esperando algo entre 4% e 5%. Tais diferenças se atribuem às distintas avaliações sobre os impactos da menor produção de petróleo e das perspectivas de investimentos sustentados pelo setor público, na medida em que há um processo de conflito entre o parlamento e o governo sobre os rumos as políticas

públicas correntes e prospectivas. Apesar desses problemas, os fundamentos macroeconômicos seguem relativamente favoráveis: inflação baixa, conta corrente superavitária e níveis confortáveis de endividamento do setor público.

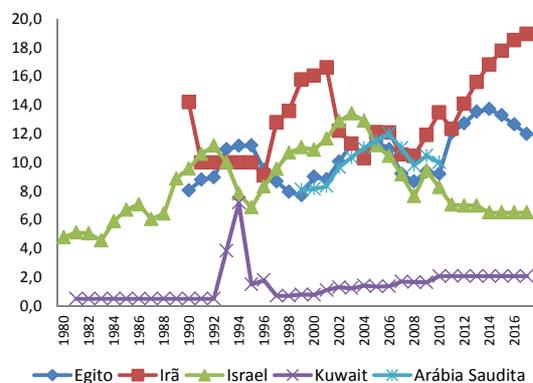
O Egito é a maior economia do norte da África. O desempenho recente de sua economia tem sido negativamente afetado pela instabilidade política. Em 2012, projeta-se uma expansão do PIB em cerca de 2%. Espera-se, já em 2013 e para os anos seguintes, a recomposição de patamares mais elevados de crescimento – algo entre 5% e 6% ao ano, em média (Gráfico 3; EIU, 2012f). O setor de turismo e as remessas de rendas de emigrantes têm sido afetados negativamente pela crise europeia e pelos problemas políticos domésticos. A taxa de desemprego está em alta (Gráfico 4), mas a inflação tende a se acomodar. Os resultados em conta corrente são deficitários, dados os problemas com as receitas de turismo e remessas de emigrantes, revertendo o quadro favorável dos anos de bonança na economia global (2002 a 2007). A relação dívida/PIB é a maior dentre as economias destacadas (Gráficos 3 a 7).

**Gráfico 3 – Evolução do PIB em Economias Selecionadas, 1980-2017**



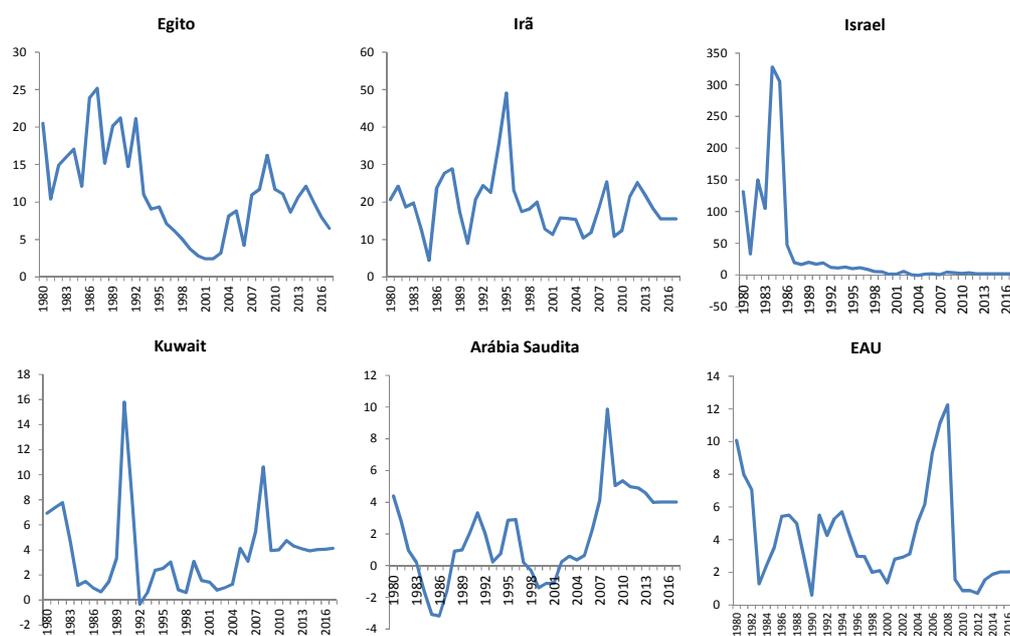
Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a). Projeções para 2012 a 2017 são da fonte. A linha pontilhada representa a média decenal.

**Gráfico 4 – Taxa de Desemprego em Economias Seleccionadas, 1980-2017**



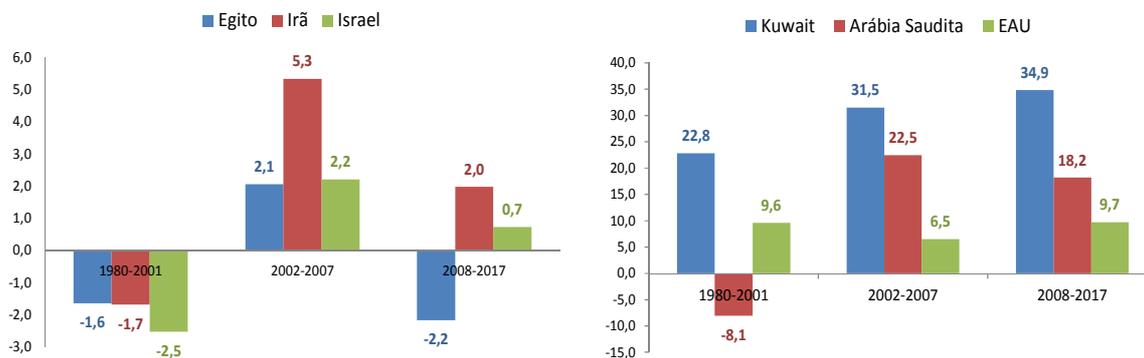
Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a). Projeções para 2012 a 2017 são da fonte.

**Gráfico 5 – Taxa de Inflação em Economias Seleccionadas, 1980-2017**



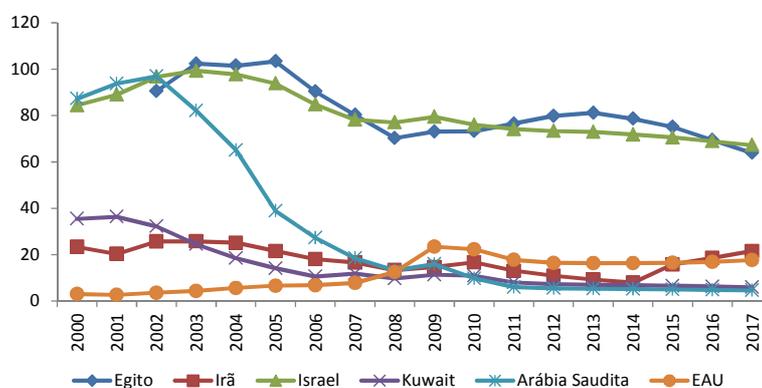
Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a). Projeções para 2012 a 2017 são da fonte.

**Gráfico 6 – Resultado em Conta Corrente em Economias Seleccionadas, 1980-2017 (% do PIB)**



Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a). Projeções para 2012 a 2017 são da fonte.

**Gráfico 7 – Dívida Bruta do Setor Público em Economias Seleccionadas, 1980-2017 (% do PIB)**



Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a). Projeções para 2012 a 2017 são da fonte.

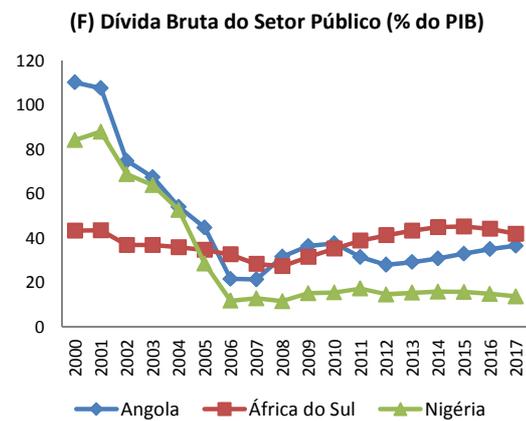
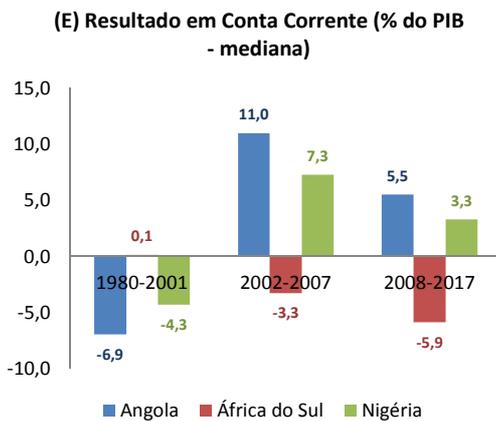
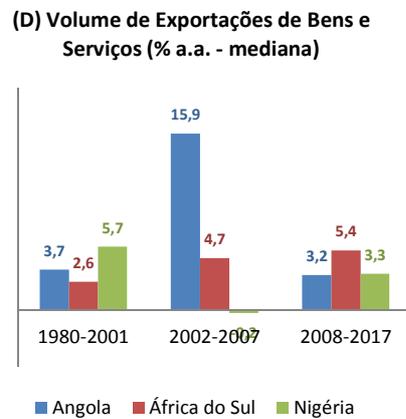
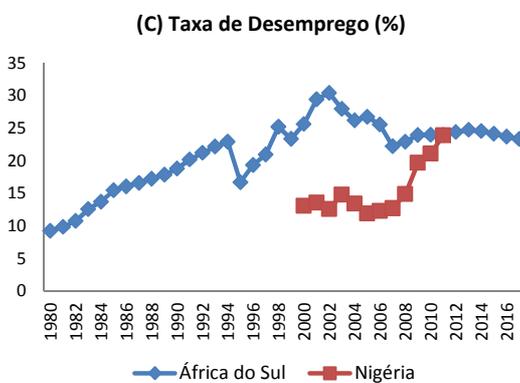
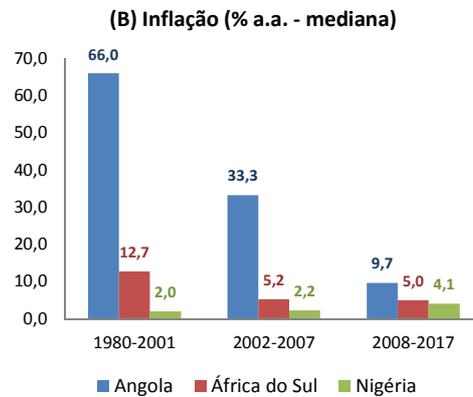
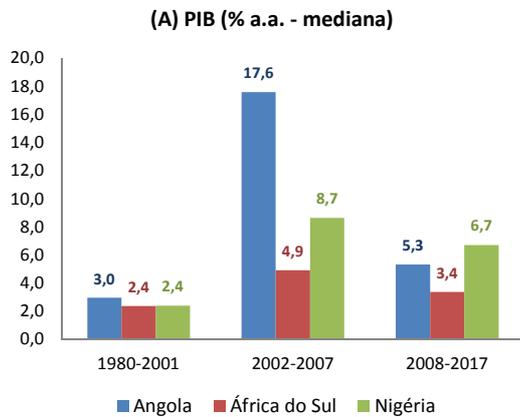
## 4. Economias em Destaque na África Subsaariana

África do Sul e Nigéria são as duas maiores economias da África Subsaariana (Gráfico A3), e Angola vem apresentando um forte dinamismo recente em termos de crescimento, com vínculos estreitos com a economia brasileira. Por tais razões, essas economias são destacadas na presente seção.

O Gráfico 8 mostra que tais economias vêm apresentando um desempenho econômico favorável ao longo do século XXI, em contraste com o período 1980-2001, caracterizado por baixo crescimento e elevada instabilidade macroeconômica. Ainda assim, a África do Sul revela uma menor capacidade de sustentar níveis mais robustos de crescimento da renda. As taxas de desemprego são muito elevadas, em níveis significativamente maiores do que aqueles

observados em outras grandes economias emergentes, como Brasil, China, Rússia, Índia, México, dentre outras. Da mesma forma, os níveis de endividamento do setor público são elevados e os resultados em conta corrente são fortemente deficitários.

**Gráfico 8 – Indicadores Macroeconômicos em Economias Africanas Selecionadas, 1980-2017**



Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a). Projeções para 2012 a 2017 são da fonte.

As perspectivas para a economia de Angola são positivas. Em 2012, projeta-se um crescimento da renda entre 6% e 7%. Para 2013 e anos subsequentes, o PIB avançará algo entre 5% e 7%, de acordo com as projeções correntes do FMI (IMF, 2012a) e da EIU (2012g). A

produção de petróleo e os investimentos para a ampliação na capacidade produtiva deste produto estão em alta, o que garante um horizonte favorável para o conjunto da economia. A inflação está em queda. Os resultados em conta corrente serão menores, em função do forte crescimento – corrente e projetado – das importações em geral e das compras de bens de capital no exterior, em especial.

Após crescer quase 9% ao ano, em média, no período 2002-2007, a Nigéria experimentará uma suave acomodação ao longo dos próximos anos. Para 2012, estima-se um crescimento de 7%, e para 2013, algo entre 6% e 7% (IMF, 2012a; EIU, 2012h). As deficiências de infraestrutura, as incertezas quanto à situação econômica global e os problemas políticos domésticos tendem a constranger, no horizonte de tempo aqui avaliado (2013-2017), o retorno ao patamar de crescimento observado no passado recente (2002-2007). As políticas monetária e fiscal têm sido mais restritivas, tendo em vista as pressões inflacionárias. A evolução dos preços ao consumidor tem permanecido acima de 10% ao ano em 2011 e 2012. Espera-se um leve recuo em 2013 e nos anos subsequentes. A taxa de desemprego avançou fortemente depois de 2008, os resultados em conta corrente estão menos vigorosos e a dívida pública está em trajetória estável.

## 5. Referências

BIS (2012). **82nd Annual Report**. Basle: Bank for International Settlements.

EIU (2012a). **Country Outlook: Iran**, November. London: Economist Intelligence Unit.

EIU (2012b). **Country Outlook: Saudi Arabia**, November. London: Economist Intelligence Unit.

EIU (2012c). **Country Report: United Arab Emirates**, November. London: Economist Intelligence Unit.

EIU (2012d). **Country Outlook: Israel**, November. London: Economist Intelligence Unit.

EIU (2012e). **Country Outlook: Kuwait**, October. London: Economist Intelligence Unit.

EIU (2012f). **Country Report: Egypt**, November. London: Economist Intelligence Unit.

EIU (2012g). **Country Report: Angola**, November. London: Economist Intelligence Unit.

EIU (2012h). **Country Report: Nigeria**, November. London: Economist Intelligence Unit.

IMF (2012a). **World Economic Outlook**, October. Washington, DC: International Monetary Fund.

IMF (2012b). **Global Financial Stability Report**, October. Washington, DC: International Monetary Fund.

IMF (2012c). **Fiscal Monitor**, October. Washington, DC: International Monetary Fund.

IMF (2012d). **Regional Economic Outlook: Middle East and Central Asia**, November. Washington, DC: International Monetary Fund.

IMF (2012e). **Regional Economic Outlook: Sub-Saharan Africa**, November. Washington, DC: International Monetary Fund.

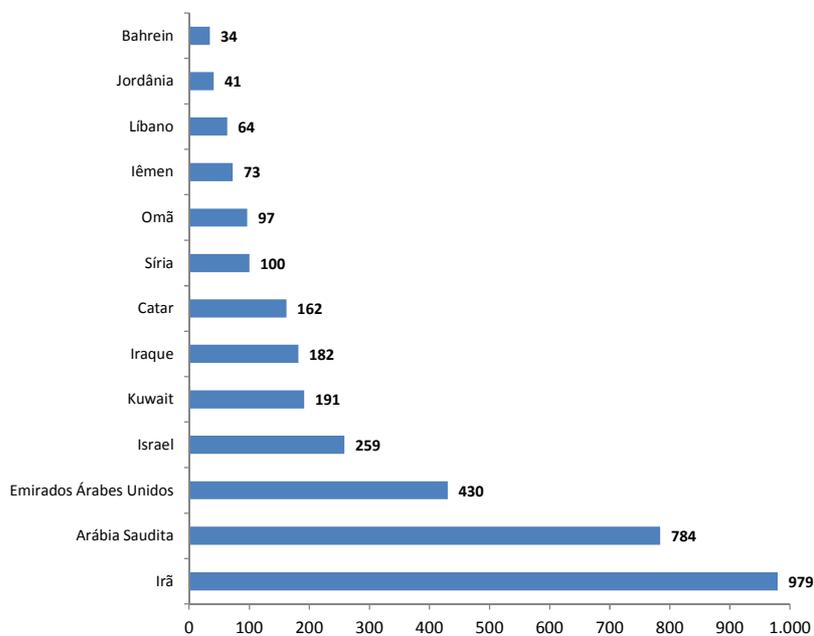
Unctad (2011). **Trade and Development Report 2011**. Geneva: UNCTAD.

Unctad (2012). **Trade and Development Report 2012**. Geneva: UNCTAD.

World Bank (2012). **Global Economic Prospects**, June. Washington, DC: The World Bank.

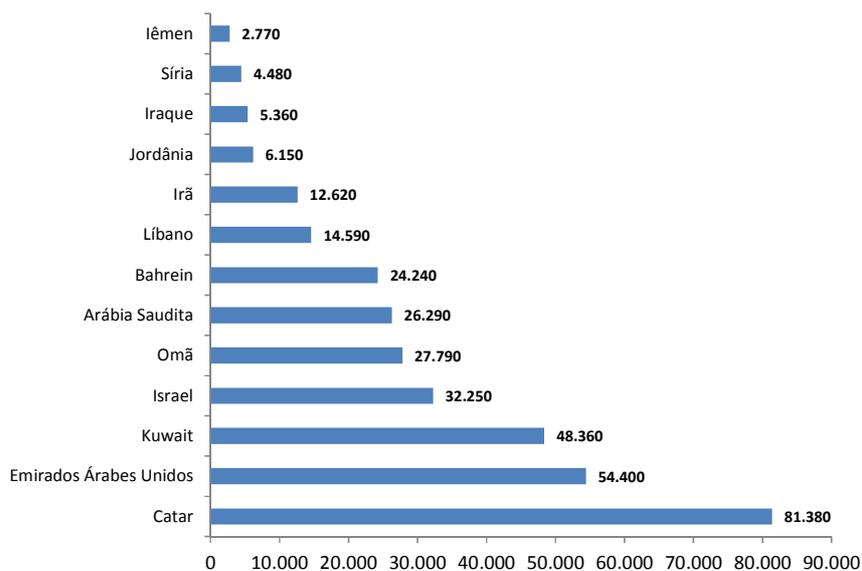
## Anexos

**Gráfico A1 - PIB em Economias do Oriente Médio – 2013 (US\$ bilhões – paridade poder de compra)**



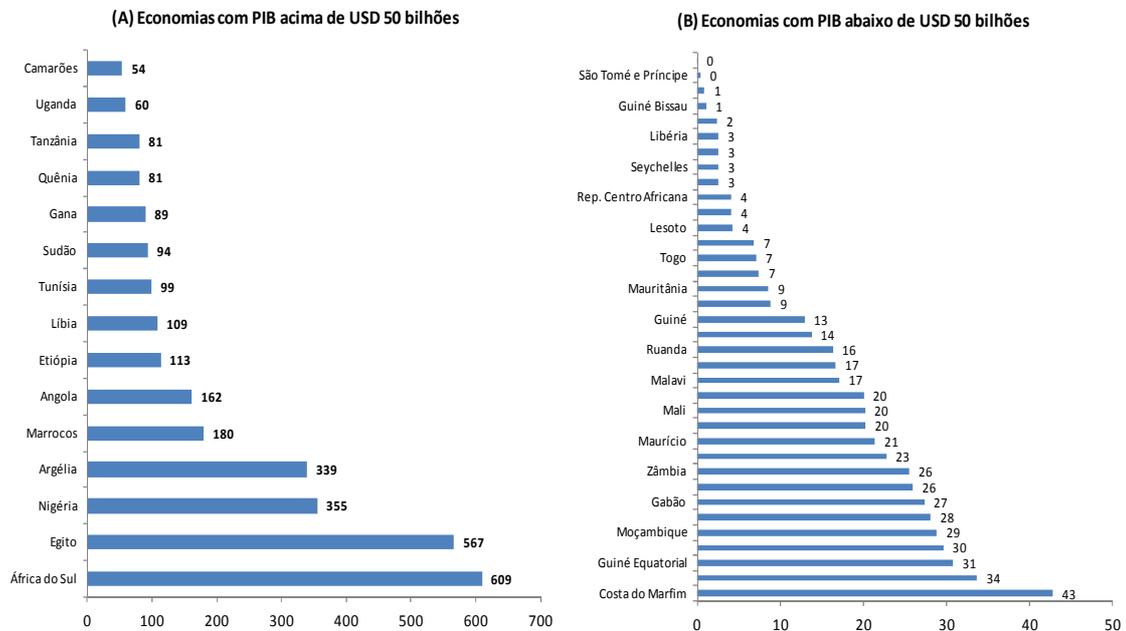
Fonte: Economist Intelligence Unit em 26/11/2012. Projeções da fonte para o ano de 2013.

**Gráfico A2 - PIB per capita em Economias do Oriente Médio – 2013 (US\$ – paridade poder de compra)**



Fonte: Economist Intelligence Unit em 26/11/2012. Projeções da fonte para o ano de 2013.

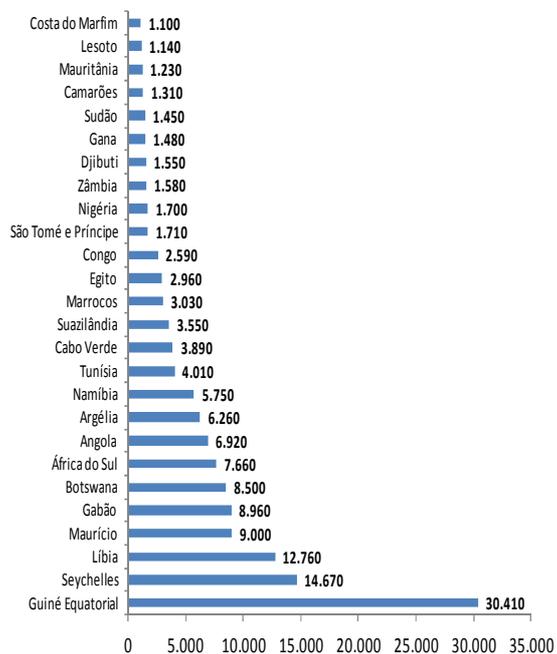
**Gráfico A3 - PIB em Economias Africanas – 2013 (US\$ bilhões – paridade poder de compra)**



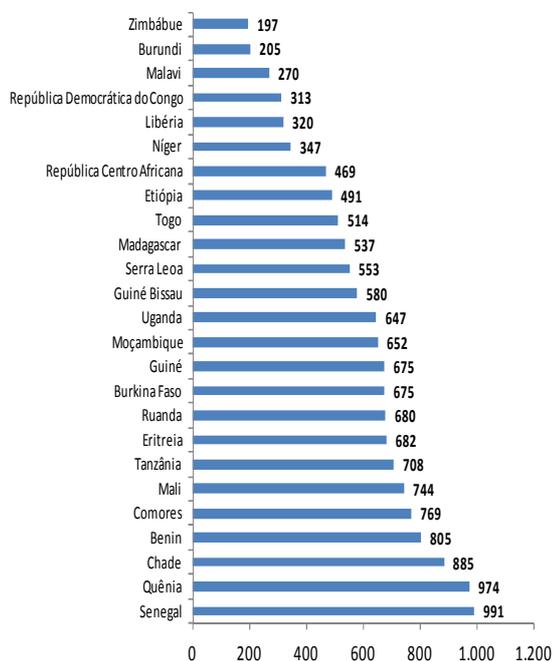
Fonte: Economist Intelligence Unit em 26/11/2012. Projeções da fonte para o ano de 2013.

**Gráfico A4 - PIB per capita em Economias Africanas – 2013 (US\$ corrente)**

(A) Acima de USD 1.000



(B) Abaixo de USD 1.000



Fonte: Economist Intelligence Unit em 26/11/2012. Projeções da fonte para o ano de 2013.